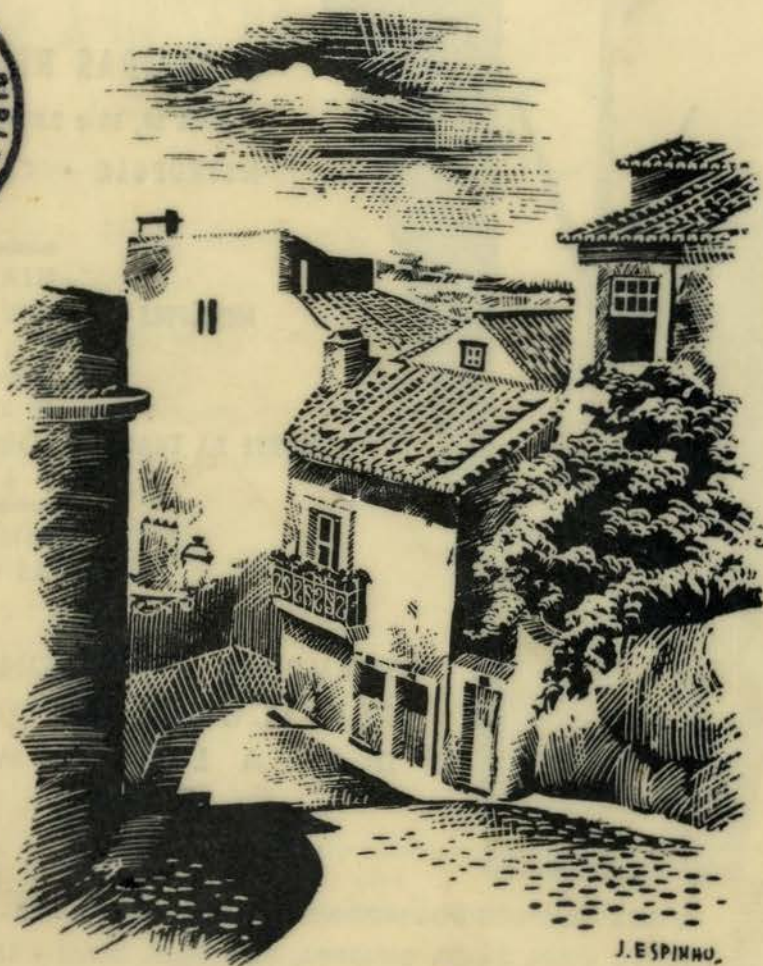


# OLISIPO

BOLETIM  
TRIMESTRAL  
DO GRUPO

“AMIGOS DE LISBOA”



ANO XXIII — N.º 92 — OUTUBRO - 1960



**S.G.**

# **SOCIEDADE GERAL**

**DE  
COMÉRCIO,  
INDÚSTRIA  
E  
TRANSPORTES**

## **CARREIRAS REGULARES**

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS  
METRÓPOLE • CABO VERDE  
E GUINÉ**

---

### **MENSAIS**

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE  
E ANGOLA**

---

### **DE 21 EM 21 DIAS**

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI  
E ANGOLA**

---

### **SEMANAIS**

**ANVERS • PORTUGAL**

**TRAMPING • CONSIGNAÇÕES  
SERVIÇO DE REBOQUES  
DE ALTO MAR**

**LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 26314 • 34513 • TELEG. GERAL  
PORTO • RUA SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. SABÕES**



**RAMOS  
AFONSO  
& MOITA**  
LIMITADA

OFICINAS  
GRÁFICAS

Composição manual e mecânica. Impressão rápida.  
Encadernação. Livros, Revistas, Magazines, Im-  
pressos comerciais e burocráticos. Livraria. Papelaria

LISBOA, 2 — S. Vicente de Fora — R. Voz do Operário, 8 a 16

A  
**LEGAL & GENERAL**


*agradece aos*  
«AMIGOS DE LISBOA»  
*a preferência que lhe têm*  
*dado, para os seus*  
*contratos de seguros*

Capital e Reservas:

**350 MILHÕES DE LIBRAS**

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

  
**Casa**  
**Batalha**

  
**FUNDADA EM 1635**

**Pérola do Rossio**

*Limitada*

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

**Envio de encomendas**

para

**Todo o País e Estrangeiro**

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

*Com o capital de*

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

*Sede Social:* LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

Administrador-Delegado

*Com. Ernesto de Vilhena*

Vice-Presidente

*Com. Álvaro Morna*

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

*Le Baron Pierre Bonvoisin*

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

*José Maria de Noronha Feyo*

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

*Dr. Sílvio Guimarães*





# GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.ºs 14 a 24

LISBOA

Na

## LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.ª livros sobre todos os assuntos escritos nas principais línguas europeias

Damos informações bibliográficas e aceitamos encomendas para todos os países

### LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo

70

Telefones: 30582 - 30583 - 28220

Secção de revenda e armazéns

Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

## Casa Maciel, L.ª

FUNDADA EM 1810

Premiada nas exposições do Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Indústria Portuguesa



FABRICANTE DE LANTERNAS

EM TODOS OS ESTILOS

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 22451

63, Rua da Misericórdia, 65 - LISBOA

## COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 28663

• LISBOA

# PAPELARIA CAMÕES

DE  
AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, LDA.

Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches  
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luís de Camões, 43 — TEL. 2 30 63

## Companhia Nacional de Navegação

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 2 30 21 e 2 30 26  
Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África  
Occidental e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

Navios de passageiros	Tons. D. W.	Tons. desloc.		Navios de carga	Tons. desloc.	Tons. D. W.
Moçambique	9.423	18.220		Sofala ... ..	12.145	18.520
Angola ...	9.550	18.250		Moçâmedes ..	9.120	12.990
Niassa ...	9.706	16.330		Rovuma ... ..	9.120	12.990
Quanza ...	6.230	11.550		S. Tomé ..	9.050	12.550
Índia ... ..	6.655	11.677		Nacala ... ..	3.370	5.130
Timor ... ..	6.655	11.677		Tagus ... ..	1.532	2.581
Zambézia ...	1.857	3.538		Chinde ... ..	1.543	2.592
Lúrio ... ..	1.857	3.538		Angoche ..	1.630	2.320
Save ... ..	1.330	2.680				



*Em construção:*

Príncipe Perfeito ... .. — 20.000

## VISTA ALEGRE

**PORCELANAS**

**Continua lembrando o nome de  
PORTUGAL no Mundo**

LARGO DO CHIADO, 18 — RUA IVENS, 19 — LISBOA



27. JUL. 1960

# OLISIPO

## BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXIII

OUTUBRO DE 1960

NÚMERO 92

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 2 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso &amp; Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

Direcção gráfica de Luís Moita



## SUMÁRIO

	Pág.
PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM FONTES ... ..	133
O ANTIGO HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS E AS ACTUAIS ESCAVACÕES NA PRAÇA DA FIGUEIRA pelo <i>Dr. Mário Carmona</i> ... ..	135
O POÇO DO MIRA E OS MISTÉRIOS DO SUBSOLO DE LISBOA por <i>Matos Sequeira</i> ... ..	138
A SEPULTURA DO MARQUÊS DE LA ROSIÈRE NO ANTIGO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PURCIÚNCULA por <i>Luís Ferro Ponce de Leão</i> ... ..	143
OS «AMIGOS DE LISBOA» NAS COMEMORAÇÕES CONDESTABRIANAS E HENRIQUINAS ... ..	155
<i>a)</i> Introdução ... ..	155
<i>b)</i> Aljubarrota, pelo <i>Capitão Gastão de Mello de Mattos</i> ... ..	156
<i>c)</i> Batalha, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i> ... ..	158
ACTIVIDADE CULTURAL ... ..	162
FEIRA DA LADRA ... ..	166
CAPA: Recanto da Travessa Nova da Parreirinha - Desenho de <i>J. Espinho</i>	

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*







## *Professor Doutor Joaquim Fontes*

Mais um dos que desde a primeira hora nos acompanharam nos abandonou, definitivamente por ter falecido em 10 de Setembro.

Morreu em plena actividade de presidente da Câmara Municipal de Sintra, onde nunca se esqueceu que era o nosso sócio fundador n.º 46 e, de há tempo, o vice-presidente da nossa Junta Directiva.

No seu labor pró-Sintra repôs no seu lugar alguns marcos do termo de Lisboa, e no de Massamá, foram convidados os «Amigos de Lisboa». Há pouco ainda o Museu de Odrinhas, sua iniciativa, foi-nos mostrado em visita cultural que ele próprio dirigiu, como anteriormente o tinha feito na visita às Antas e monumentos pré-históricos do concelho que dirigia.

Sentimos, deveras, o seu passamento. Era um colaborador assíduo, erudito e leal.





# O ANTIGO HOSPITAL DE TODOS-OS-SANTOS

*e as actuais escavações na Praça da Figueira*

pele DR. MÁRIO CARMONA

O grande interesse e curiosidade que tem despertado as escavações arqueológicas na Praça da Figueira foram motivados pelo facto das obras para a construção do Metropolitano terem encontrado vestígios de ruínas do Hospital Real de Todos-os-Santos que existiu naquele local.

Assim succedeu sempre que ali se faziam obras nas grandes canalizações ou nos alicerces dos edificios que dão para o Rossio, como por exemplo recentemente na construção duma cave no restaurante «Irmãos Unidos».

Mas agora tratando-se de trabalhos muito maiores a realizar em plena praça, entendeu a Câmara Municipal de Lisboa, e muito bem, proceder-se a um desaterro e estudo circunstanciado com o fim de se descobrir e apurar, com maior segurança, qual a traça do hospital desaparecido, fundado em 1492 por D. João II e transferido para o Colégio de Santo Antão-o-Novo, em 1775, com o nome de Real Hospital de S. José.

O edificio do hospital arruinado pelo terramoto de 1755, mas onde se tinham feito obras para alojar os doentes que ali continuaram durante vinte anos, foi então demolido para a construção dum mercado. O Convento de S. Domingos ficou separado da praça pela Rua do Amparo, aberta nessa ocasião, que tomou o nome da ermida ali existente, junto da qual se recolhiam os doentes incuráveis, já depois da Misericórdia admi-

nistrar o Hospital, a partir de 1565, porque de começo ele não hospitalizava os incuráveis, conforme a determinação do seu Regimento.

Depois de iniciados estes trabalhos de desaterro, há cerca de um mês, o meu amigo Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves, ilustre secretário-geral do Grupo «Amigos de Lisboa», pediu-me um artigo para esta revista sobre o acontecimento, dada a sua importância para a história da nossa cidade, por se tratar de um monumento notável do seu passado.

Mas a verdade é que não sabemos dizer mais do que aquilo que expusemos no nosso livro, publicado em 1954, sobre o *Hospital Real de Todos os Santos da cidade de Lisboa*.

Nem nos competia agora fazê-lo, muito menos intrometendo-nos na natureza da investigação a que se está procedendo.

Por isso apenas apresentamos um pequeno resumo dos pontos de vista mais significativos em relação ao hospital, segundo a nossa publicação e desejamos ao mesmo tempo manifestar o louvor à intervenção da Câmara Municipal e dos ilustres arqueólogos encarregados das investigações que muito poderão contribuir para o esclarecimento cabal do assunto.

Como é sabido teve uma importância fundamental nas origens do desenvolvimento da assistência e da medicina portuguesa o Hospital de Todos-os-Santos, de tal modo que alguns historiadores o consideram como o marco essencial a caracterizar o grande período da história da medicina nacional que vai da Renascença ao final do século XVIII.

Foi nele que se instituiu pela primeira vez no nosso País, o ensino da cirurgia, conforme está expresso no seu Regimento de 1504, ensino que teve um maior desenvolvimento no século XVIII, constituindo uma escola que, transferida para o Hospital de S. José, se ampliou e se transformou na Régia Escola de Cirurgia em 1825 e depois Escola Médico-Cirúrgica em 1836.

Mas não foi só no ensino e na hospitalização centralizada no Hospital de Todos-os-Santos, cuja construção inicial sofreu vários aumentos e transformações, também consequência dos incêndios e do terramoto de 1755, que se destaca a sua importância.

Para nós, além desse aspecto, focámos no nosso trabalho vários outros que se prendem com a história social e a evolução da arquitectura em Portugal.

E foi dentro desta orientação que procurámos fundamentar as razões pelas quais atribuímos ao arquitecto Boitaca a planta e a construção do edifício, por mandado de D. João II que encarregou também do estudo



da organização do hospital, Estêvão Martins, seu primeiro provedor quando ele começou a funcionar, já no reinado de D. Manuel que continuou e concluiu a fundação do seu egrégio antecessor.

Assim baseando-nos em notícias esparsas, colhidas numa vasta bibliografia e em plantas topográficas e documentos iconográficos — sobretudo no Regimento do Hospital, na descrição de Frei Nicolau d'Oliveira, numa medição de 1696 e na planta de Guilherme Joaquim Pais de Meneses, de 1750, — podemos conjecturar a planta inicial do Hospital (desenhada pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Vasco Braga dos Reis do Instituto Geográfico Cadastral) — isto é o essencial do plano da composição do edifício na sua traça primitiva, antes dos acrescentamentos e das muitas modificações que se lhe introduziram e cujo modelo aconselhado era o hospital cruciforme, segundo o tipo então existente na Itália, fonte da sua inspiração.

Mas além disso foi a estampa publicada no *Archivo Pittoresco*, (vol. IV, ano 1861, pág. 213) dizendo ser um desenho único daquele Hospital, na posse do Sr. José Valentim de Freitas que o houvera dum architecto contemporâneo da demolição (quer dizer logo depois de 1775) reproduzindo o frontespício da igreja, que nos deu os elementos para atribuímos a sua autoria a Diogo Boitaca pelas características dos temas e elementos construtivos e decorativos nela encontrados e conhecimento da evolução da architectura em Portugal nessa época.

Por todas as razões que aduzimos e largamente expusemos, considerámos que o Hospital foi concebido segundo o modelo italiano no plano da composição e realizado conforme as normas e práticas construtivas e a ornamentação da nossa architectura, no estilo gerado entre nós no final do século XV pelo architecto Boitaca, — e que é muito possível que fosse o primeiro edifício por ele construído, antes dos Jerónimos, além da intervenção que teve na Igreja de Jesus em Setúbal, durante a construção do Hospital de Todos-os-Santos.

Talvez que as descobertas nas escavações da Praça da Figueira possam lançar uma melhor luz sobre o assunto.

Lisboa, 20-IX-960.

# O

## POÇO DO MIRA

*e os mistérios do subsolo de Lisboa*

por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

CASTILHO, no *Panorama* de 1838 (2.º volume) divulgou, nesse período de incipiente jornalismo, a notícia, prenhe de mistério, contida na segunda conferência da Academia dos Humildes e Ignorantes, publicada em 1758, em Lisboa. Tratava-se da existência junto às velhas Portas de Alfoga, entre a Rua do Milagre de Santo António e da Saudade, de um poço enorme que fora pertença da casa nobre dos Desembargadores Manuel Pinto de Mira e José Pinto de Mira Falcão, adquirida aos herdeiros de Antão de Faria da Silva, descendente do primeiro Antão de Faria, camareiro-mor de D. João II que o escambara, por outros bens, com o Conde de Penamacor.

Júlio de Castilho, seu filho, logo no primeiro volume da sua monumental *Lisboa Antiga* transcreve, comenta e acrescenta a notícia da famosa Cisterna à conta da qual se forjaram as mais fantasiosas histórias. Que fora um templo gentílico dos Lusitanos não foi a menos atrevida das suposições; que a abóbada monstruosa que a cobria fora arrombada com intuits misteriosos; que durante um quarto de hora repetia qualquer palavra que se gritasse à boca; e até que ocupava o espaço de todo o Castelo de S. Jorge e da maior parte da cidade. A imaginação popular entreteve-se com a atoarda de lá ter morrido afogado um curioso que tentara penetrar os segredos do Poço, e com a historieta de um sacerdote,



vizinho do sítio, que lá descera atado por uma corda e que mal viu a grandeza da cisterna e a quantidade e a grossura das colunas que suportavam a abóbada, perdeu o alento e gritou para que o puxassem até à luz do dia.

O ermitão que prelecionou na conferência dos Humildes e Ignorantes, elucidou ainda os leitores que a cisterna, do lado da rua, tinha escadas que estavam cobertas de água, e que, lá dentro, ao mais leve chuveiro, correspondia um sussurro, como se por lá passasse a corrente de um rio caudaloso.

Com o decorrer dos anos, sucessivas obras nos prédios do local, acrescentos e demolições, mudança de proprietários, etc., o quintal e o poço tenebroso, passaram a estar integrados no velho palácio de D. Garcia de Noronha que foi depois o Seminário de São Patrício, fundado pelo capitalista António Fernandes Ximenes, no princípio do seiscentismo, na encosta de São Crispim, místico com a casa nobre dos Farias que, mais tarde os Miras compraram, e se tornou a sede da Tutoria da Infância.

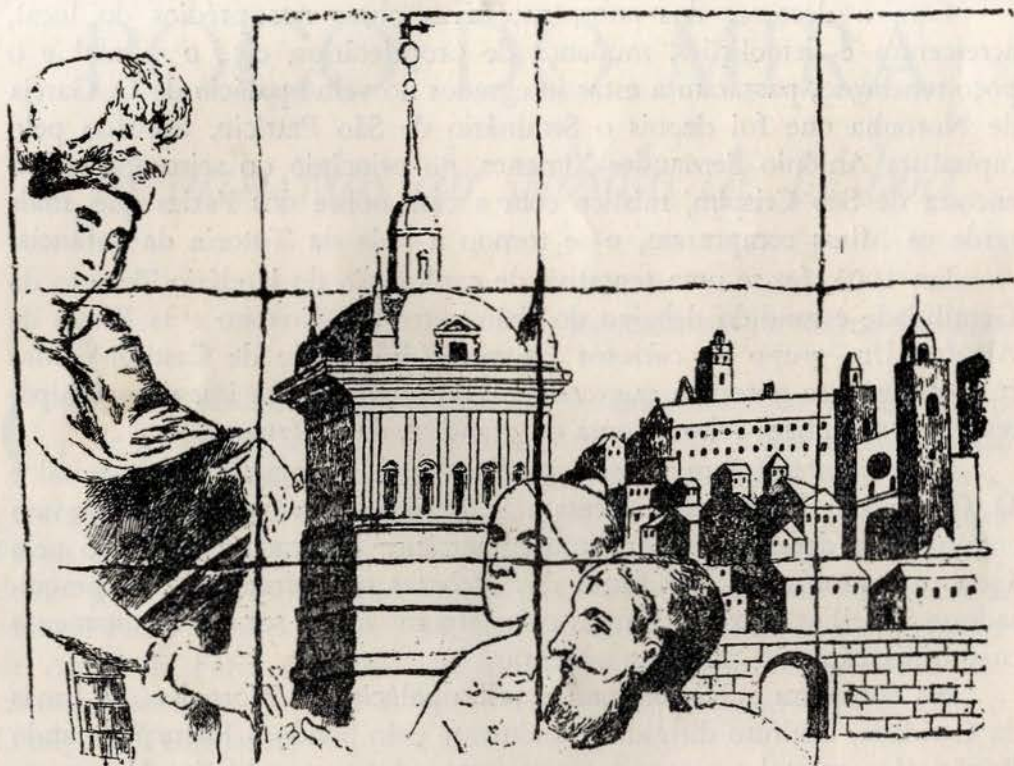
Em 1903, fez-se uma tentativa de exploração do lendário Templo da Gentilidade escondido debaixo do chão entre São Crispim e as Portas de Alfofa. Um grupo de curiosos visitou-o (di-lo Júlio de Castilho), mas coisa alguma se observou que confirmasse qualquer das imaginosas hipóteses que se tinham feito à conta da grandeza da cisterna.

Os visitantes foram Mardel, os Condes de Mangualde e de Seisal e D. Caetano de Bragança. Desceram as escadas que a certo ponto estavam entaipadas e deram com o recinto subterrâneo totalmente inundado pela água extravasada (?). O fumo dos archotes que alumiarão os pesquisadores não lhes deixou ver mais coisa alguma a não ser um encanamento cuja utilização não puderam observar.

Na época em que habitaram o velho palácio dos Noronhas, as Irmãs da Caridade, instituto dirigido inicialmente pelo bondoso Padre Raimundo Beirão, já o quintal e o poço estavam integrados neste edifício. Uma carta que recebemos em Agosto de 1934, de uma senhora, então albergada no Recolhimento de São Cristóvão, e que ali estivera a educar, descreve esse logradouro, o famoso poço e uma antiga Capela, de escassas dimensões, decorada de azulejaria de figuras, e com duas bancadas laterais, um altar abobadado e vários nichos, onde as educandas punham imagens nas suas brincadeiras devotas. Da cisterna dos Miras dá alguns informes, mas nem em todos me pude fiar, dado que a recolhida de São Cristóvão que deveria ser pessoa idosa, se evade a cada momento do assunto, penetrando no mistério de estupendos escândalos conventuais, enleados às suas recorda-



ções da Cisterna e da Capela de São Patrício. O local da cisterna era onde as educandas do Padre Beirão faziam o recreio. No meio do poço havia uma caldeira que teria, talvez, metro e meio de diâmetro, e o «salão» como diz a minha informadora mediria seis metros de lado. A passagem, ou galeria, que conduzia do fundo da cisterna para a Graça e São Vicente, e a que ela se refere, deve pertencer ao capítulo da crendice em atoardas claustrais, como a história do prédio alto da Rua do Milagre de Santo Antônio, comprado mais tarde pelas Irmãs de S. José de Cluny que



*Pormenor do painel de azulejos que foi da capela do Seminário de S. Patrício*

vieram também habitar o Seminário de São Patrício, onde havia outro corredor subterrâneo que, em seu dizer, vem citado em *Retrato de Ricardina*. Ora o romance de Camilo fala vagamente no Recolhimento de São Crisóstovão, para onde a Ricardina esteve para ir, e não no de São Patrício, e a respeito da passagem secreta não diz nem uma palavra. A protegida do Padre Raimundo Beirão, a quem os mistérios dos subsolos conventuais perturbaram a imaginativa, dando notícia de outros que iam ter ao



Convento das Trinas e ao do Desagravo e de vários episódios passados num Mosteiro de Religiosas na Ilha de São Miguel, não confidencia qualquer outra minúcia que interesse ao famigerado Poço do Mira, e, infelizmente não se alarga no descritivo da tal Capela a que as recolhidas chamavam a «Casa do Galo».



*Painel de azulejos que foi da capela do Seminário de S. Patrício e se encontra agora numa parede do Museu Arqueológico do Carmo*

Dessa Capela ficou um documento que hoje está no Museu Arqueológico do Carmo. É um painel de figuras, de 9 × 8 azulejos, emoldurado numa cercadura que não era a de folhas de acanto da primitiva, no qual se vê uma personagem de armadura e manto, capacete emplumado, no jeito de quem dá esmola a outras duas que estão ajoelhadas, tendo cada uma uma cruz na testa. Atrás da figura central agrupam-se mais cinco. Uma delas que está no primeiro plano, de chapéu na mão, parece trans-

portar um saco, e a servir de fundo à composição, a Sé, Santo Eloi e as muralhas da Ribeira Velha, com uma porta aberta sobre a praia. No Tejo avista-se um barco ribeirinho.

Estes azulejos, aparecidos em 1914, deram motivo a uma acesa polémica jornalística. O Dr. José de Figueiredo, num artigo do jornal *A Capital* julgou ver no torreão do Paço da Ribeira, fantasiosamente indicado, a primitiva Igreja de Santo António da Sé; a Associação dos Arqueólogos Portugueses, onde o assunto foi discutido, em Março desse ano, sentenciou de outra maneira a figuração e o assunto; o saudoso Júlio Mardel e José Queiroz deram outros pareceres; e nós formulámos também as nossas observações depois de uma visita feita à velha capela. Mardel elaborou um relatório que foi presente ao Conselho dos Monumentos Nacionais, no qual se alvitrava que tal capela pertencera ao Mosteiro dominicano da Rosa, e que o assunto da figuração cerâmica dizia respeito a uma festa de S. Jorge (?) com a presença de sentenciados do Santo Ofício. O investigador Jordão de Freitas, em dois artigos, dizia que o assunto da pintura se referia à visita de Filipe II a Lisboa em 1619. Nenhuma das interpretações de então tinha consistência, e a complicar o caso esteve o erro inicial de se supor que o templo vizinho da Cisterna dos Miras, estava no local do antigo Mosteiro da Rosa, quando ficava no sítio exacto do Seminário de São Patrício fundado por António Fernandes Ximenes em princípios do século XVII, por compra feita aos descendentes de D. Garcia de Noronha, a favor do colégio dos estudantes irlandeses da invocação de São Patrício, ideado pelos jesuítas de São Roque. Os azulejos que devem ser do primeiro terço do século XVIII, na autorizada opinião do Engenheiro Santos Simões, coisa alguma devem ter em referência a São Jorge, ao Santo Ofício, ou à visita de Filipe II. A única alusão que pode conter-se, com certa lógica, na cena figurada é aos que São Roque defendia da peste com o traçar de uma cruz na testa, consoante a crença tradicional. O facto do Santo se representar de manto, armadura e capacete emplumado, em jeito de soberano, não invalida a hipótese, dado que os pintores ceramistas, por vezes, curavam menos da exactidão da indumentária do que dos aspectos impressionantes da figuração. São estes os únicos vestígios da Casa do Galo que vizinhava o aterrador Poço do Mira.



# A SEPULTURA DO MARQUÊS DE LA ROSIÈRE NO ANTIGO CONVENTO DE N.<sup>A</sup> SR.<sup>A</sup> DA PORCIÚNCULA

por LUÍS FERROS PONCE DE LEÃO

SEGUINDO a Rua da Esperança a caminho de Santos encontra-se poucos passos andados, à nossa mão esquerda, um edifício incaracterístico, de um só andar, onde funciona segundo a tabuleta nele afixada a Junta de Freguesia de Santos-o-Velho e, anexo, um balneário.

A parte do edifício onde está instalado este último, vulgarmente conhecido por «Balneário da Esperança», foi outrora a Igreja de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula, dos Capuchos Franceses, vulgo os Barbadinhos e cuja ordem se estabeleceu em Portugal nos meados do século XVII.

Conta o Mestre Júlio de Castilho<sup>(1)</sup> que tendo os religiosos desta ordem prestado alguns bons serviços no Ultramar na época da Restauração, os quis El-Rei recompensar, mas que eles tudo recusaram pedindo sòmente para estabelecerem em Lisboa um pequeno cenóbio que servisse de albergue aos Padres que aqui passavam a caminho de África e do Brasil onde iam missionar. O P.<sup>o</sup> Bautista de Castro<sup>(2)</sup> dá-nos uma versão um pouco diferente, mas o certo é que Dom João IV deu a autorização em 11 de Agosto de 1647 e o convento começou a ser edificado logo no ano seguinte numas casas e terrenos que lhes doou a Duquesa de Aveiro, Dona Maria de Guadalupe de Lencastre, e que faziam parte dos jardins do seu palácio da Esperança.

(1) J. Castilho, *Ribeira de Lisboa*, ed. 1893, pág. 565.

(2) P.<sup>o</sup> B. de Castro, *Mapa de Portugal*, vol. 2, pág. 71.

A casa conventual ficou sempre modesta, conjugando assim com o espírito da Ordem, mas contudo tinha jardim e cerca com «excelente vista para o mar», como escreveu o P.<sup>e</sup> Carvalho da Costa (3). E informa ainda o mesmo autor que muito embora a Casa não tivesse padroeiro nem esmola certa, nunca carecia do indispensável para a manutenção dos onze religiosos que nessa época ali residiam.

Assim foram os Barbadinhos vivendo na sua casa da Porciúncula até que a famigerada lei de 8 de Maio de 1834 os foi de lá expulsar. A fábrica conventual tinha escapado ilesa ao terremoto, mas, em 22 de Outubro de 1837, um incêndio destruiu-a por completo.

Por essa época, suponho, deve ter sido vendida a parte residencial onde depois foram construídos os dois prédios de rendimento que ainda se lá vêem revestidos de azulejo azul, um tornejando da Rua da Esperança para as Escadinhas dos Barbadinhos e o outro sobre a Calçada do Marquês de Abrantes. Fazendo gaveto das Escadinhas para a Calçada, fica um jardim alto que tem um parapeito forrado interiormente de azulejos policromados do século XVIII, figurando cenas diversas e que creio terem pertencido à antiga cerca.

A Igreja tinha a porta principal voltada para o Nascente e uma outra para o Norte, que se fechava com grades de ferro, segundo a descrição do P.<sup>e</sup> Carvalho da Costa (4). Cotejando esta descrição com o desenho de Gonzaga Pereira (5) parece-me que a porta para o Norte seria a porta do Adro, pois não é muito plausível que uma porta do templo se fechasse com gradaria. A Igreja tinha uma só nave e não era muita vasta, mas contudo podia acomodar cerca de 300 pessoas (6). A capela-mor era dedicada a Nossa Senhora dos Anjos e além dela havia outras duas, ambas do lado da Epístola, que tinham por oragos Santana e Nossa Senhora da Conceição (7). De ornatos, cita Cyrilo (8), algumas pinturas de Bernardo Foit de cujo pincel era também o retábulo da capela-mor.

De toda a fábrica conventual foi a Igreja que mais vicissitudes sofreu. Após o já referido incêndio de 1837 foi o templo desmanchado para dar lugar a uma escola de primeiras letras (9), mas já em Fevereiro de 1893 (10)

---

(3) P.<sup>e</sup> Carvalho da Costa, *Geografia Portuguesa*, vol. 3, pág. 360.

(4) idem.

(5) Luís Gonzaga Pereira, *Monumentos Sacros de Lisboa*, pág. 77.

(6) idem.

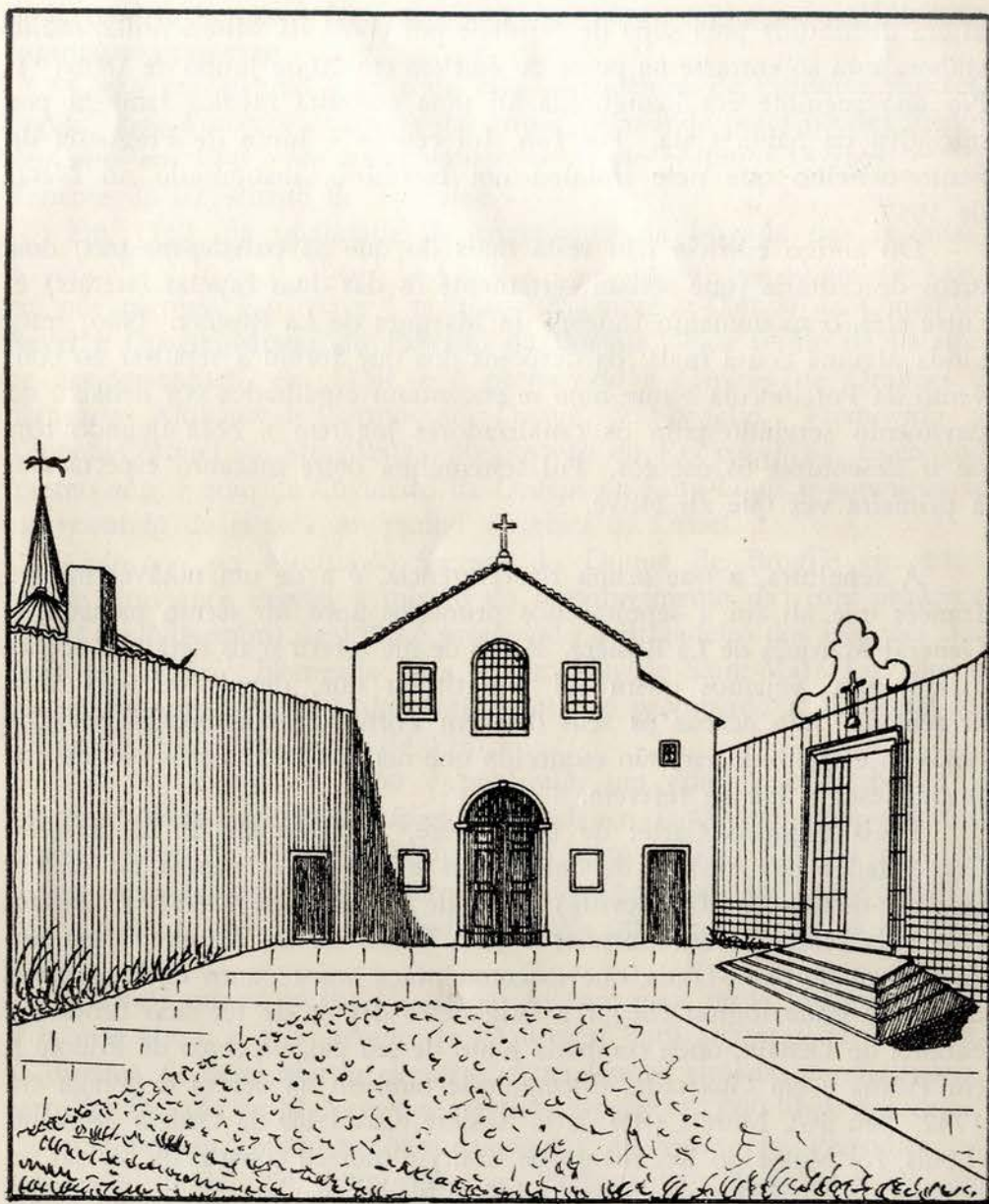
(7) P.<sup>e</sup> Carvalho da Costa, *ob. cit.*, pág. 360.

(8) Cyrillo Wolkmar Machado, *Memórias*, pág. 218.

(9) J. Castilho, *ob. cit.*, pág. 567.

(10) idem, nota n.º 1.





*Igreja de Nossa Senhora da Porciúncula*

(Desenho de Gonzaga Pereira  
em *Monumentos Sacros de*  
*Lisboa* — 1833)

aí era distribuída uma sopa de caridade por conta da Misericórdia, muito embora esta só entrasse na posse do edifício em 20 de Junho de 1898<sup>(11)</sup>. No ano seguinte era inaugurada ali uma consulta médica também por iniciativa da Santa Casa. Por fim, foi cedido à Junta de Freguesia de Santos-o-Velho que nele instalou um balneário, inaugurado no Natal de 1957.

Do antigo edifício não resta mais do que as paredes-mestras, dois arcos de cantaria (que seriam certamente os das duas capelas laterais) e, entre eles, o monumento fúnebre do Marquês de La Rosière. Não; resta ainda alguma cousa mais: os despojos dos que foram a sepultar ao convento da Porciúncula e que hoje se encontram espalhados por debaixo do pavimento servindo para os canalizadores jogarem a bola quando têm de ir desentupir os esgotos. Fui testemunha deste macabro espectáculo, a primeira vez que ali estive.

A sepultura, a que acima fiz referência, é a de um notável militar francês que ali foi a sepultar nos primeiros anos do século passado, o General Marquês de La Rosière. Antes de me referir mais detalhadamente à sepultura, vejamos quem foi este titular que, depois de uma vida acidentada, veio acabar os seus dias em Portugal onde prestou serviços notáveis e que hoje está tão esquecido que nem os Dicionários biográficos portugueses a ele se referem.

Louis François Carlet de La Rosière, 1.º Marquês de La Rosière, Comendador das Ordens de Saint-Louis e de Cristo, nasceu no castelo de Pont-de-l'Arche (Charleville) a 10 de Outubro de 1733<sup>(12)</sup>. Foram seus pais Marie Louise Cormier e Jean Carlet de La Rosière, Cavaleiro da Ordem de Saint-Louis, que assentou praça aos 13 anos no Regimento de Conty onde logrou chegar a Brigadeiro depois de ter sido ferido na batalha de Denain, onde combatia junto de seu pai, no cerco de Fribourg, em Parma e em Guastalla, distinguiu-se também na defesa de Praga em 1742. Seu avô, Marc Carlet de la Rosière, Cavaleiro da Ordem de Saint-Louis, foi Major do Regimento de Conty e morreu coberto de feridas na batalha de Neuf-Brisach com 86 anos de idade. Seu bisovô, Louis Charles Carlet de La Rosière, Cavaleiro da Ordem de Saint-Louis, foi promovido a Capitão do Regimento de Canirà sobre o campo de batalha de Morbeigo

(11) Vítor Ribeiro, *Arquivo da Misericórdia de Lisboa*, pág. 36.

(12) Todas as informações sobre a família e vida do Marquês de La Rosière, até à sua chegada a Portugal, foram extraídas do Bon. de Woelmont, *Notices Généalogiques*, VII série (1930), pág. 155 e seg.



onde recebeu honrosas feridas, e isto lhe valeu o epíteto de «Honra da Infantaria Francesa».

Como era natural com toda esta ascendência de militares ilustres, seguiu Louis François a carreira das armas assentando praça no Regimento de Conty em 1745. No ano imediato, contando portanto 13 anos; era já Tenente do Regimento de Touraine.

Em 1752, na qualidade de engenheiro da brigada das colónias, acompanha à Índia o Abade La Caille e aí se demora até ao ano de 1756 em que regressa à pátria e é nomeado Ajudante-de-Campo do Conde de Revel e Quartel-Mestre do Exército da Boémia. Fica ferido na batalha de Sondershausen, em 1758, e é promovido a Capitão de Dragões e nomeado Ajudante-de-Campo do Duque de Broglie. Promovido a Tenente-Coronel de Dragões do Regimento do Rei em 1761, recebe no mesmo ano o grau de Cavaleiro da Ordem de Saint-Louis e notabiliza-se atravessando de espada em punho a ribeira de Cassel.

Colocado no Ministério Secreto do Duque de Broglie em 1763 recebe, dois anos depois, a missão do reconhecimento da costa britânica e a 11 de Novembro de 1770 é promovido a Brigadeiro dos Dragões dos Exército do Rei. Nomeado para o comando de Saint-Malo faz com a maior distinção a Guerra dos Sete Anos e é promovido a Marechal-de-Campo a 5 de Dezembro de 1781.

Em Novembro de 1750 é publicado um édito que estabelece a nobreza militar para três gerações de Cavaleiros da Ordem de Saint-Louis. Baseado nessa lei requereu Louis François, que como já ficou dito era filho, neto e bisneto de Cavaleiros de Saint-Louis, que lhe fosse reconhecida a nobreza hereditária, sendo-lhe passada carta patente em 21 de Abril de 1777.

O título porém só lhe foi concedido anos mais tarde, constituindo-se para esse efeito o Marquesado de La Rosière com as terras de Wagnon, os direitos de Saint-Martin e outras dependências situadas em Réthelois, perto do Ducado de Mazarin que rendiam por ano 12.000 libras francesas. Do marquesado foram-lhe passadas cartas assinadas em Versailles no mês de Abril de 1780 e registadas no Parlamento a 5 de Setembro, em Wassigny a 21 de Agosto e no Cartório do Bailiado de Mazarin a 18 de Dezembro do mesmo ano.

Nas suas terras de Wagnon, mandou o Marquês de La Rosière construir um castelo que os sediciosos demoliram durante a Revolução.

A fama, as condecorações, o título, poderiam ser e com razão o fim da carreira militar de La Rosière. Mas não, esta continua e continuaria

até o fim da sua vida. Porém a sua permanência na terra que lhe serviu de berço e por que ele tantas vezes arriscou a vida e deu o seu sangue é que chegara ao termo.

Rebentara em França a maior convulsão social de todos os tempos e que havia de ficar escrita na sua história e na do mundo, com letras de sangue — a *revolução*, como ficou conhecida.

La Rosière, na dupla qualidade de nobre e de fiel vassalo do seu Rei, emigra em Maio de 1791 para se ir apresentar aos Príncipes que coligados tentavam salvar pelas armas a cabeça do desventurado Luís XVI. É colocado em Coblenz onde fica chefiando a Secretaria de Guerra.

Faz a campanha de 1792 como Quartel-Mestre-General do Exército Realista, revelando a sua extraordinária capacidade para os serviços do Estado-Maior. Integrado na 3.<sup>a</sup> Divisão do Exército Expedicionário vai, em 1795, à Ilha de Yeu como Comandante dos Serviços de Saúde.

A 15 de Novembro de 1796 recebe o Marquês de La Rosière a Comenda da Ordem de Saint-Louis como recompensa dos seus cinquenta anos de serviço activo. Nesse mesmo ano passa ao serviço do Imperador da Rússia e aí se demora até ao ano seguinte.

Abra-se agora um parêntesis. Dentro em pouco chega o Marquês de La Rosière a Portugal, mas primeiro torna-se necessário saber o motivo da sua vinda.

Estamos no agonizar do «Grande Século», reina em Portugal a Senhora Dona Maria I sob a regência do Príncipe Dom João; em Espanha reina Carlos IV pela mão de Godoy; em França governa o Directório. Finda a campanha do Rossilhão a Espanha faz a Paz em separado com a França sem querer informar o governo português. Godoy oferece-se como mediador para as negociações de paz entre a França e Portugal, mas as condições impostas pelo Directório são impossíveis dada a aliança existente com a Inglaterra.

Durante três anos o governo português, dando mostras de uma irresolução lastimável, vai prolongando as negociações, até que a Espanha, já aliada da França, declara guerra à Inglaterra e concentra forças junto da fronteira, reunindo então Portugal o seu exército no Alentejo.

Perante este estado de guerra, a Inglaterra envia para Portugal 200.000 libras e um exército de 6.000 homens de que faziam parte alguns regimentos de emigrados franceses.

Entre estes vem La Rosière para Portugal nos últimos meses do ano de 1797. No *Almanack de Lisboa*, para o ano de 1800, aparece já o seu









nome com o posto de Marechal-de-Campo e o cargo de Quartel-Mestre-General do Exército.

Em 2 de Março de 1801 a Espanha declara guerra a Portugal que divide o seu exército em dois corpos, o do Sul comandado pelo Marechal-General Duque de Lafões e o do Norte comandado pelo Marquês de La Rosière que leva como Mestre-de-Campo o General Gomes Freire. Facto curioso é que o comandante das tropas espanholas da Galiza era também um realista francês, o Marquês de Saint-Simon. Talvez fosse esse o motivo por que nunca rebentaram as hostilidades no Norte e só o General Gomes Freire, que comandava as tropas de Trás-os-Montes, tentou algumas avançadas por terras de Espanha.

Ainda deste ano de 1801 encontrei no processo de La Rosière, que se guarda no Arquivo Histórico-Militar, uma carta datada de 1 de Agosto e endereçada ao então ministro António de Araújo de Azevedo em que trata da criação de um Estado-Maior-General. Contudo, numa memória, sem data, em que apresenta ao mesmo ministro as reclamações dos oficiais sob as suas ordens, intitula-os oficiais do Estado-Maior e diz ter sido este criado por decreto de 1 de Janeiro de 1797. Estou em crer que poderia esclarecer este assunto se encontrasse a nomeação do Marquês para Chefe do Estado-Maior, uma vez que é certo ele ter ocupado este cargo.

Informa o Bon. de Woelmont nas suas *Notices Généalogiques*, obra onde colhi todos os elementos sobre a família e vida do Marquês de La Rosière até à sua chegada a Portugal, que ele foi nomeado Inspector-Geral das Fronteiras, Praças, Fortalezas e Costas Marítimas do Reino em 1802, mas a verdade é que também não encontrei a nomeação. Todos os documentos que me poderiam fornecer informações mais exactas estão aferrolhados no Arquivo da Torre do Tombo e interditos à consulta por ordem superior!

A sua promoção a General foi em 1804. Com esta patente nos aparece já na carta da sua naturalização<sup>(13)</sup>, único documento das Chancelarias Régias que se lhe refere e que é datada de 23 de Maio. No já referido processo encontrei também um requerimento do Marquês ao Príncipe Regente para que lhe seja concedido o mesmo número de rações de que gozam os outros Inspectores-Gerais de igual patente e de que ele gozou enquanto fez a inspecção das fronteiras, mas que lhe haviam sido suspensas provisoriamente a partir de 1 de Outubro de 1804.

---

(13) *Chancelaria de D. Maria I*, liv. 75, pág. 114.



Recebeu o Marquês a comenda da Ordem de Cristo, mas não encontrei a sua habilitação ou dispensa dela e somente numa reclamação dos officiaes do Estado-Maior encontro este artigo que, por ser interessante, passo a transcrever:

«2.º — Havendo Vossa Alteza Real cumulado de favores o Marquês de La Rozière na Audiencia com que se Dignou o honrar em 23 de Julho, assegurando-lhe que Vossa Alteza Real tinha determinado na sua Régia vontade, de indeniza-lo da perda do Cordão de St.º Luis, que lhe tinham merecido cinquenta annos de Serviços na causa dos Reis, e de que por amor a algumas considerações politicas, se tinha visto despido; e tendo-lhe permitido Vossa Alteza Real de valer-se da sua Real promessa para lhe lembrar e solicitar em consequencia as suas graciosas Ordens, atreve-se O Marquês de La Rozière de tomar licença de pedir a Vossa Alteza Real a mercê das Insignias das suas Ordens e da Comenda da Jurumenha que lhe disseram estar vaga neste momento, acrescentando que elle só, de todos os officiaes Generaes na actividade do Real serviço se acha privado desta decoração.»

Quando da sua vinda para Portugal instalou-se em Lisboa, às Trinas do Mocambo. Embora tenha feito algumas tentativas não conseguiu descobrir qual terá sido a casa e bem assim a outra para onde se mudou entre os annos de 1805 e 1807, que ficava na Rua Direita de Buenos Aires, e onde veio a falecer.

Com o Marquês veio também a família que era composta por sua mulher a Marquesa Marie-Jeanne Leoquet de Grand-Ville, filha do Marquês de Fougeray, e quatro dos seus oito filhos; Jean, Conde de La Rosière, que entrou ao serviço do exército portuguez com a patente de Coronel de Cavalaria sendo promovido a Brigadeiro em 23 de Novembro de 1807. Foi cavaleiro da Ordem de Saint-Louis e comendador da de Cristo e passou ao serviço da França em 1815 com o posto de Marechal-de-Campo. Achille, Visconde de la Rosière, foi Capitão de Cavalaria do exército portuguez e passou ao serviço da França antes de 1813. Amélie e Alphonse que eram gémeos e os mais jovens da prole. Alphonse foi Tenente de Infantaria do exército portuguez, e como seus irmãos, Ajudante do Quartel-Mestre-General, passou também ao serviço da França não sei em que data.

É inegavelmente curiosa a figura deste fidalgo que, não obstante a sua vida activa e plena de accidentes variados, foi cultor das letras e até um dos colaboradores da *Enciclopédia*. O seu primeiro livro, que appareceu em 1756, é um pequeno tratado da táctica militar e intitula-se *Stratagemes de Guerre*. Depois seguiram-se *Campanhe du Maréchal de Créqui en*



*Lorraine et en Alsace e Traité des Armées en Général* ambos publicados em 1764 e por último *Campanhe de Louis, Prince de Condé en Flandre* publicado em 1765.

Quando da primeira invasão napoleónica, estava ainda o Marquês exercendo as suas funções e foi tratado por Junot com a maior deferência. Já velho e cansado, de certo saudoso da sua pátria e, quem sabe, talvez entusiasmado com as vitórias dos exércitos do Imperador; propunha-se reentrar em França quando faleceu quase repentinamente a 7 de Abril de 1808.

A fls. 191 verso do livro 4.º dos Óbitos da freguesia da Lapa lê-se o seguinte assento:

«Aos Sete dias do mês de Abril de mil oitocentos e oito faleceo de Idade de Setenta e trez annos so com o Sacramento da Penitencia e nam deu lugar pera mais a Enfermidade, o Excelenticimo Luis Francisco Carlet de la Rosiere digo Marquez de la Rosiere Tenente General dos Exzercitos deste Reino e Quartel Mestre General e chefe do Estado Mäyor do dito Exzercito, e Expetor Geral das Fronteiras, e Costas Maritimas e Comendador da Real Ordem de Christo e Comendador que foi da Ordem de Sam Luis, e cazado com Dona Maria Loequet de Grand Ville, Marqueza de La Roziere afsistente na Rua de Buenos Ayres e foi Sepultado no Convento dos Barbadinhos Franceses Sito nesta corte e pera constar fis este aSento que aSignei Era ut Supra

*O Prior António Gomes Barroso.»*

O moimento que a viúva e os filhos mandaram erigir em memória do Marquês de La Rosière é muito singelo, sem deixar contudo de ter a dignidade requerida. É talhado em mármore branco e o seu desenho ao gosto da época faz lembrar as alegorias gravadas por Bartolozzi e seus discípulos.

Sobre a base rectangular, de pedra lisa, assenta uma lápide com moldura trabalhada e sobre esta, à guisa de remate, vê-se uma urna clássica envolvida por um panejamento trabalhado também em mármore, mas preto.

Na lápide foi gravado a letras negras este epitáfio:

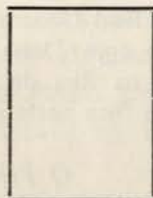
D O M

HIC JACET, FAMÃ SUPERSTES,  
 ILL.<sup>MUS</sup> ET EX.<sup>MUS</sup> D. LUDOV: FR:<sup>CUS</sup> CARLET, MARCHIO DE LA ROZIÈRE  
 REGIORUM MILITARIUM QUE CRISTI AC S.<sup>TI</sup> LUDOVICI ORDINU

C O M M E N D A T O R

GALLICI OLIM EXERCITÛS A CASTRIS PRÆFECTUS, ET CASTRAMETATOR  
 LUSITANI DEINDE GENERALIS LEGATUS, ET CAST:<sup>UM</sup> MAGISTER,  
 VIR MILITARI SCIENTIÃ VIRTUTE, FIDELITATE CONSPICUUS,  
 ANNOS NATUS LXXIII, CUM VI. MENSIBUS,  
 SUIS LUGENDOS AMICISQUE QUAMPLURIMIS,  
 VII IDUS APRILIS ANNI DOMINI MCCCVIII. VITA DECESSIT,

CUI ORBATA UXOR  
 HÆC AMORIS AC PIETATIS  
 FIDELIÛ SUFFRAGIA  
 Requiescat



FILIIQUE MÆRENTES  
 MONUMENTA POSUERE  
 DEPRECANTES  
 in Pace

As quatro últimas linhas do epitáfio são interrompidas, a meio, por um pequeno brasão com as armas dos Carlet de la Rosière (de Champagne): em campo de prata um castanheiro de verde acompanhado de duas estrelas de azul nos cantões do chefe e de duas flores-de-lis, também de azul, nos flancos, brocante sobre o tronco da árvore duas espadas de vermelho passadas em aspa. O escudo, que é rematado por um coronel de marquês, assenta sobre a cruz da Ordem de Saint-Louis e é rodeado por uma fita que tem pendente a insígnia da Ordem de Cristo. Sob o brasão cruzam-se duas simbólicas folhas de palma.

Antes de terminar quero deixar aqui expresso o meu agradecimento a M.<sup>e</sup> Paule Adam-Even, Presidente da «Académie Internacionalle de Héraldique», e a M. Alex, do Instituto Francês em Portugal, que com gentileza e solicitude inexcedíveis me forneceram grande parte das informações necessárias para a elaboração deste trabalho.

Muito portuguêsmente lhes digo: Bem hajam.



# Os «Amigos de Lisboa»

*nas Comemorações*

CONDESTABRIANAS

E

HENRIQUINAS

**O** Grupo, não querendo alhear-se das comemorações, que este ano decorrem, de homenagem a dois notáveis da nossa Pátria, associou-se a elas numa romagem que, com a participação de avultado número de sócios e em 31 de Julho último, realizou ao campo de batalha de Aljubarrota e ao túmulo do Infante D. Henrique, no Mosteiro da Batalha.

Para tal convidados, o Sr. Capitão Gastão de Mello de Mattos, Académico e ilustre historiador militar preleccionou em Aljubarrota, e o publicista Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, vogal da nossa Secção de Movimento Cultural, discursou na Batalha.

Aqui se lhes agradece tão amável concurso e, a seguir, se arquivam as suas palavras.



*Nuno Álvares Pereira*

N. em Sernache do Bonjardim e † em Lisboa

# Aljubarrota

O capitão sr. Gastão de Mello de Mattos, mostrando cartas e plantas elucidativas, fez uma descrição da campanha, cujo resumo segue:

«Verifica-se que o exército português, apesar da sua inferioridade numérica, manifestou sempre a resolução de dar batalha aos castelhanos antes que estes chegassem a Lisboa. Essa resolução é atribuível ao Condestável que não confiava nas possibilidades de defesa da cidade, onde não havia comando, e onde se encontravam partidários de Castela, em número apreciável.

Para conseguir pôr em prática os seus desígnios, teve D. Nuno Álvares Pereira que lutar com a oposição de parte do Conselho Real que apenas cedeu à acção directa do Rei, o qual deliberou seguir o caminho tomado pelas tropas do Condestável, vindo a encontrarem-se os dois nas proximidades de Tomar. De aí seguiram os portugueses para Ourém, Porto de Mós, e finalmente a Cumeira de Aljubarrota; em todos esses pontos cortavam o caminho do invasor, o qual, pelo contrário, mostrou sempre desejo de evitar o encontro.

Ainda na manhã de 14 de Agosto de 1385, ao deparar com o nosso exército, estabelecido na extremidade Norte daquele esporão, tentou o Rei de Castela tornear a posição e vir tomar ao Sul dela a estrada de Alcobaça a Lisboa. Tal movimento forçou os portugueses a marchar paralelamente ao adversário pela crista do planalto, vindo ocupar nova posição, agora sem comandamento sobre o terreno exterior, mas diante e nos flancos da qual foi construída uma extensa rede de defesas acessórias, reduzindo a muito pequena extensão a frente, em que o inimigo poderia pronunciar o seu ataque.



Parece certo que D. João de Castela ainda deu ordem para que as suas tropas não aceitassem o combate que os portugueses lhe ofereciam, mas os seus fracos dotes de comando, de certo agravados pela doença, de que sofreu durante toda a campanha, levaram os cavaleiros que constituíam a vanguarda castelhana (cerca de 1 500) a não lhe respeitarem a vontade e a pronunciarem um ataque que as alas não puderam apoiar, porque a tal se opunham os obstáculos naturais que cobriam os flancos da posição portuguesa.

Assim, o combate foi travado com notável superioridade numérica portuguesa, visto que nele não pôde tomar parte o maior número dos invasores, ao contrário do que aconteceu do nosso lado. A vanguarda castelhana atacou a pé, o que já então era a forma normal de combate dos cavaleiros; também a vanguarda portuguesa que recebeu o primeiro choque era constituída apenas por lanças.

É, portanto, completamente errónea a maneira por que a história liberal do século passado apresentou a batalha de Aljubarrota como uma vitória de infantaria contra cavalaria. Aliás, a noção moderna de infantaria é alheia à Idade Média, e Aljubarrota é bem uma batalha medieval, quando os verdadeiros elementos combativos dos exércitos eram os cavaleiros.»

Mostrou depois o sistema de fortificações constituído por fossos e covas de lobo — no dia 14 de Agosto de 1385 disfarçadas com ramos — e onde certamente muitos atacantes se encontraram detidos por estes inesperados obstáculos. No fundo de tais obras de defesa apareceram numerosas pedras trabalhadas de diferentes formas que não são originárias da região, e devem ser consideradas projecteis usados na batalha.



*Infante D. Henrique*



*O Capitão Mello de Mattos guiando a visita ao sistema fortificado de Aljubarrota*

(Foto F. N.)

## Batalha

Junto do túmulo do Infante D. Henrique o Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento proferiu a seguinte alocução:

«Dentro de escassos catorze dias completam-se 575 anos que, antes de se travar a batalha de Aljubarrota, impetrou el-Rei D. João I à Virgem Santíssima, cuja imagem o acompanhava num oratório de campanha, que protegesse as suas armas, e formulou solene voto de fazer erigir e colocar sob a sua piedosa invocação um mosteiro, se lhe concedesse a graça da vitória. Alcançado o triunfo, que rasgou para a Nação os mais dilatados e prometedores horizontes, não tardou el-Rei em cumprir o seu voto, mandando levantar, a curta distância do campo de batalha, este Mosteiro de Santa Maria da Vitória, eloquente símbolo da independência da Pátria.

Repousam, nesta Capela do Fundador, o régio casal de Avis e todos os seus filhos: a «Inclita Geração».



Vão decorrendo, neste ano da graça de 1960, as comemorações nacionais do v. centenário da morte do Infante D. Henrique. Ao seu túmulo vimos nós, «Amigos de Lisboa» — porque Lisboa muito deve à sua memória —, em romagem de respeito e agradecimento. Cabe aqui, por tanto, dizer uma simples palavra sobre tão alta figura, muito embora sejam em demasia escassos os dotes de quem foi designado para o fazer.

★

Crente profundo e sincero, discípulo espiritual de S. Luís, seu patrono e que foi Rei de França, criado na corte austera de seus pais e envolto desde a meninice num ambiente prenhe do idealismo do Santo Condestável, o Infante D. Henrique foi alguém em cuja mente ecoaram todas as frementes aspirações de grandeza, moral e material, resultantes do que, para a Nação, havia significado a vitória nos campos de Aljubarrota. E todo aquele imenso mundo de problemas ele o compreendeu e serviu como ninguém, mau grado os infortúnios que, por vezes, inexoravelmente o atingiram.

Quiçá como corolário da conquista de Ceuta, impulsionada por um sentido religioso de luta contra os infiéis, engendram-se no seu espírito novos planos guerreiros, alevantadas e arrojadas empresas, a que não eram estranhas as ideias de uma ampla expansão estimuladas por notícias recolhidas sobre as regiões africanas que, estendendo-se lá para o Sul, poderiam constituir um vasto campo de acção, tanto divulgadora da fé como económica.

A sua enérgica persistência remove obstáculos, aniquila resistências, mas não evita o malogro da expedição a Tânger, que transtorna e ameaça profundamente as suas intenções proselitistas. E, de tal precipitada e mal conduzida operação resulta envolver-se nas consequências a vida do Infante D. Fernando. O primeiro sério infortúnio atinge então D. Henrique. Salvar aquele só à custa de Ceuta; guardá-la seria condenar à morte o desditoso irmão cativo.

O fatal desenrolar dos acontecimentos e a imensa mágoa que lhes causa o irremediável destino de D. Fernando abrevia a vida dos dois irmãos — D. Duarte e D. João. Mas, como se o desastre de Tânger, e a recusa da devolução de Ceuta aos mouros — com as suas tristes consequências — pouco representasse, outro calamitoso infortúnio se produz: a intriga do bastardo Conde de Barcelos visando o Infante D. Pedro. Eram agora as ambições e as discórdias que vinham lançar a perturbação no país, fazendo perigar seriamente a obra construtiva da casa de Avis e amargurando, mais ainda, o espírito de D. Henrique. Surge o epílogo de Alfarrobeira, a que foi levado um Rei juvenilmente impulsivo e insensatamente crédulo. A morte de D. Pedro e as afrontas que se seguem não deixaram certamente de abalar o ânimo de D. Henrique, a quem novo dilema se teria anteposto: ou tentar salvar o irmão indispondo-se com o sobrinho e seu Rei e ferir a fundo o prepotente e perigoso Bragança, ou, para defender a sua obra em marcha, recalcar bem fundo no peito toda a sua imensa amargura e sacrificar o irmão. E D. Pedro foi entregue à sua sorte.

Nunca foram objectivamente considerados e esclarecidos todos estes emocionantes acontecimentos que tão de perto afectaram a casa de Avis. Tem havido, contudo, quem com violenta severidade haja criticado as atitudes do Infante D. Hen-

rique, como quem com excessos de apreciação unilateral o tenha pretendido quase que endeusar. Tais críticas, as depreciativas e as encomiásticas, pecam manifestamente por malsinação umas, por sectarismo outras.



*Imagem de Nossa Senhora da Vitória,  
que se venera na Capela de S. Jorge de Aljubarrota*

Não é possível aquilatar da mentalidade de um homem de quatrocentos, e apreciar as suas acções, com as vistas dos tempos que correm. O crítico ou o histo-



riador têm que procurar integrar-se, tanto quanto possível, no ambiente da época e devem, sobretudo, abster-se de ideias preconcebidas que só conduzem, a maior parte das vezes, a conclusões precipitadas ou erradas.

Teria, realmente, sido o Infante D. Henrique um carácter duro, um ingrato, um egoísta?

O que parece fora de dúvida é que era possuidor, em admirável equilíbrio, de um complexo de dotes pessoais que, conjugando-se, lhe imprimiram uma forte personalidade. E, assim é que, atingido pelos desgostos resultantes do infortunado destino de seus irmãos, o Infante resiste a eles, recalca o sofrimento e reage, e essa reacção não pode deixar de o elevar, de o engrandecer. Confinando-se a realidades, e porque era um organizador metódico e persistente, vai nutrindo e fortalecendo o grandioso plano da sua empresa, traçando as linhas fundamentais da sua futura realização. É longo o caminho a percorrer, erizado de dificuldades e, por vezes, de acontecimentos desalentadores, mas a fé não o desampara, como não havia de desamparar os que o seguiam. Defensor intransigente e inflexível do seu sonho através de todas as tempestades da vida, o Infante consegue transmitir à sua gente — que ele tão acertadamente soube escolher — o idealismo fogoso que o devora e, de tal forma, o progresso da acção marítima desenrola-se a um ritmo impressionante. Em cada colaborador, em cada nauta, uma dedicação ilimitada, um espírito de abnegação e de sacrifício que atinge as raias do quase impossível. Os trabalhos não contam, o que importa é manter teimosamente o esforço em pleno desenvolvimento, com desprezo das misérias e dos sacrifícios. O que conta, o que interessa, o que os arrasta é a procura do êxito da missão que a todos se antolha como de magnânima grandeza.

Depois é o aparecimento providencial dessa grande figura de Rei que foi D. João II, o Príncipe Perfeito. E então aquela torrente de heroísmo — a herança do Infante — amplifica-se, aperfeiçoa-se. Surge em cena uma plêiade de almas generosamente portuguesas que servem o grande Rei com apaixonada dedicação.

E depois... depois é a epopeia que Camões haveria de cantar em suas estrofes imorredouras...

Mas, em plano bem superior, a tudo e a todos, paira a figura excelsa do Infante D. Henrique, o obreiro fundamental do muito que constituiu, e continua a constituir, o orgulho e a grandeza de Portugal e o bem merecido motivo do seu indiscutível e fulgurante lugar na história da Civilização.»

# ACTIVIDADE CULTURAL

*do Trimestre Passado*

A actividade cultural deste trimestre inaugurou-se com a 34.<sup>a</sup> sessão de «Colóquios Olisiponenses» realizada em 7 de Julho na nossa sede. Foram oradores os sócios Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento e Dr. Eduardo Neves, que presidiu, secretariado pelos consócios Srs. Coronel Afra Nozes e Eng. Júlio Eduardo dos Santos.

O primeiro orador referiu-se a impressões colhidas na última visita a Vila Viçosa e enunciou dados históricos sobre a Vila, o Palácio Ducal e o seu recheio; tendo referências especiais ao arranjo e obra da Fundação da Casa de Bragança, sempre de encarecer. Projectou a seguir alguns belos diapositivos coloridos de sua autoria sobre Vila Viçosa e os seus monumentos.

O nosso secretário-geral apresentou alguns recortes de jornais de 1870 a 1889, da sua colecção em que se relatam, com notícias ilustradas com gravuras, as cerimónias das inaugurações da «Memória do Rossio», da Estação do Caminho de Ferro no mesmo local e a da «Memória dos Restauradores». Apresentou também uns recortes com as respectivas plantas das instalações de uma exposição industrial na Avenida da Liberdade, dessa época.

A propósito referiu passagens e notas sobre os acontecimentos relatados e leu alguns pitorescos anúncios saídos nos mesmos jornais e terminou dizendo: «Pelo visto e pelo que se infere, esses locais (Rossio, Restauradores e Avenida) andam de há muito em evolução permanente e sempre por bem e para melhor.»

No domingo 17 de Julho, em 8 autocarros e vários automóveis, cerca de trezentas pessoas, deslocaram-se em visita cultural ao Museu Arqueológico de Odrinhas, no concelho de Sintra. A visita foi dirigida



pelo Vice-Presidente da nossa Junta Directiva e Presidente da Câmara Municipal de Sintra, o Sr. Prof. Doutor Joaquim Fontes que em erudita palestra descreveu a razão da instalação do Museu no local (culto popular dos habitantes da região pelo conteúdo do Museu) e a história dos objectos expostos, em que avultam os referentes à tribo Galeria que na época romana superintendia na região de Lisboa e onde está a pedra tumular dum bisavô dum pesador de Lisboa de 1400.



*O Prof. Doutor Joaquim Fontes falando aos «Amigos de Lisboa»,  
no Museu de Odrinhas*

(Foto A. N.)

A riqueza visigótica, romana e pré-romana de pedras tumulares, mosaicos e restos de monumentos é notável. Os visitantes foram obsequiados com brindes de especialidades regionais, e, acompanhados pelo secretário-geral e outros membros dos Corpos Gerentes visitaram o Parque de Monserrate como visitantes normais, a despeito de às entidades competentes ter sido solicitada autorização especial para tal, dada a missão cultural desinteressada que o Grupo vem realizando há vinte e cinco anos. A visita terminou em Sintra.

Por motivo de força maior não se realizou a conferência anunciada, da nossa consócia Sr.<sup>a</sup> D. Guida Keil.

A 31 de Julho, três autocarros e alguns automóveis transportaram cerca de cem pessoas, sócios e suas famílias, que tomaram parte na participação do Grupo nas comemorações Henriquinas e Condestabrianas, como neste número se refere.

Em Aljubarrota o Académico Sr. Capitão Gastão de Melo e Matos descreveu, sobre plantas e mapas da região, o desenrolar da batalha e as obras militares então realizadas, que foram visitadas bem como a histórica capela.

Na Batalha o nosso consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento evocou a memória do Infante D. Henrique, junto ao seu túmulo.

Os visitantes almoçaram em Alfeizerão e foram acompanhados pelo secretário-geral. As palavras proferidas, quer em Aljubarrota quer na Batalha publicam-se neste número e bem assim algumas fotos dos locais devidas à obsequiosa amabilidade do Tenente-Coronel Afonso do Paço que deu todas as facilidades sobre a visita ao local da batalha de Aljubarrota, cujas escavações tem dirigido.



*A mesa da conferência de D. Mariná Morais Sarmento*

Em 8 de Agosto a escritora brasileira Mariná de Morais Sarmento, a pedido do Intercâmbio Feminino Luso-Brasileiro, da direcção dos nossos consócios os escritores Sr.<sup>ª</sup> D. Maria de Cabedo Cardoso e seu marido Sr. Nuno Catarino Cardoso, realizou uma conferência sobre a



vida e obra de Sílvio Romero. A conferencista foi apresentada pelo secretário-geral, que presidiu, e que em nome do Grupo lhe ofereceu algumas das nossas edições.

Aproveitando o ensejo das comemorações Henriquinas a escritora Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Cabedo Cardoso recitou uma poesia intitulada «O Sonho do Infante» da autoria da poetisa brasileira Lola de Oliveira.

Extraordinariamente, já no início do período de férias, a presidência da Ex.<sup>ma</sup> Câmara, a quem o Grupo tinha significado o seu apreço e agradecimento pela determinação pelas escavações na Praça da Figueira, convidou-nos a visitar esses trabalhos. A visita realizou-se a 5 de Agosto tendo-nos recebido o Dr. Silva Pinto, chefe de repartição dos Serviços Culturais, a conservadora-chefe D. Julieta Ferrão e a conservadora encarregada das escavações Dr.<sup>a</sup> D. Irisalva Moita. Estes nossos ilustres consócios acompanharam os visitantes a quem prestaram esclarecimentos e indicaram o valor dos achados.

Algumas dezenas de associados acompanhados pelos directores Srs. Gustavo de Matos Sequeira Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, Hugo Raposo e Dr. Eugénio Mac-Bride, e outros membros dos Corpos Gerentes seguiram interessados a visita.

Oportunamente em OLISIPO e nas salas do Grupo o assunto será versado pelos especialistas.

Assim terminou a actividade cultural que se retomará em Novembro próximo, se Deus quiser.

*E. N.*



# Feira da Ladra

O retábulo do altar-mor da Igreja Paroquial de Santa Cruz do Castelo, que representa o Descimento da Cruz, veio para este templo que acabara de sofrer importantes reparos, no ano de 1842. Foram o Prior e a Colegiada que o solicitaram à Rainha. O quadro que pertencera ao Convento da Graça, estava então depositado na Repartição dos Quartéis e Obras militares, foi mandado entregar ao pároco José Maria do Bomfim em Setembro desse ano.

★

EM 1824, estavam vagos na Rua Augusta, no *quarteirão novo*, contíguo ao Terreiro do Paço, dois armazens. O famigerado António Marrare e o seu sócio Martinho Rodrigues, apeteeceram-nos para ali instalarem a sua loja de venda de Neve, negócio de que eram contratadores, instalação que diziam eles «satisfazia cabalmente, tanto no que respeitava à decência da mesma loja como pela abundância e perfeita manufactura das mesmas bebidas». Como Simão da Silva Feraz, Intendente Geral da Polícia, depois Barão e Conde de Rendufe, se interessava pelo pedido, este foi satisfeito e assim se ampliou a velha Casa da Neve, da Arcada, que fora fundada em 1782.

SUA Magestade Imperial a Duquesa de Bragança, residia em 1836, em Santa Marta, no palácio dos Condes de Redondo e Marqueses de Borba.

★

## Lisboa vista pelo Rio de Janeiro

«O Globo», bem nosso conhecido jornal carioca, em alguns dos números de Agosto passado, consagra a Lisboa artigos da melhor amizade luso-brasileira, encomiando as belezas naturais da nossa capital, anotando os seus tradicionalismos de carácter e o seu pitoresco. Um deles refere-se a Alfama, onde o articulista pinta o seu tipo bairrista, outro à cidade moderna e à ressurreição pombalina. Há ainda um terceiro comentário — «As Pedras de Lisboa» que trata das escavações da Praça da Figueira, e dos vestígios encontrados da famosa construção do Hospital Real de Todos os Santos.

O Centro de Turismo de Portugal, no Rio de Janeiro, teve a gentileza de nos enviar os recortes, e aqui deixamos o nosso penhorado cumprimento ao Sr. Dr. Felner da Costa que subscreve o gentil officio de remessa.



## Um legado que não se cumpriu

Os restos da cerca do Convento de São Bento da Saúde, em parte da qual os frades tinham aberto, a seguir a 1755, nada menos de oito ruas, a que deram o nome de santos da sua ordem (S. Bernardo, Santa Quitéria, Santo Ildefonso, São Plácido, Santa Gertrudes, Santa Escolástica, Santo Amaro, e Santa Iria) foram comprados num dos leilões feitos depois de 1834, pelo conhecido capitalista Faustino da Gama. Esses terrenos, fartamente arborizados, onde hoje assentam os jardins e o parque da Presidência do Conselho, foram parar às mãos de outro capitalista — Joaquim Machado Cayres — falecido em Braga em 1886. O resto da história está na seguinte local, publicada no *Diário de Notícias* de 6 de Novembro de 1886:

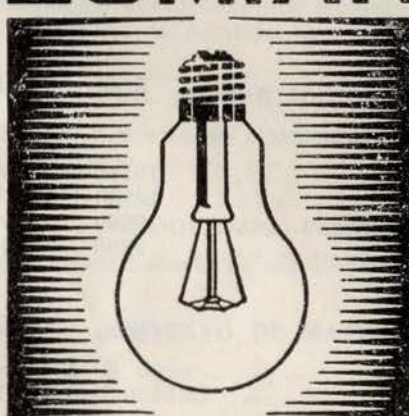
«Foi hontem apresentado na administração do 4.º bairro o testamento do sr. Joaquim Machado Cayres, que hontem

noticiamos ter falecido em Braga, d'onde era natural.....»

Deixa á camara municipal de Lisboa o terreno na extincta cerca de S. Bento, tanto quanto seja preciso para ella mandar abrir duas ruas de 12 metros de largura, devendo a primeira começar na calçada da Estrela, entre as duas propriedades n.ºs 40 e 46, em linha recta do sul para o norte pelo lado do poente de um muro divisorio, em parte por acabar, a sair na travessa de Santo Amaro por uma escada á semelhança da que existe na travessa de Santa Justa, entre a rua Nova do Carmo e a rua do Ouro; e a outra deverá começar no meio da primeira, mais ou menos de nascente para poente e sair na rua dos Ferreiros á Estrela, ficando a camara obrigada a fazer as vedações que não existem. Se a camara não dê começo a estas duas ruas no praso de dois annos, e as não concluir dentro de trez annos a contar do seu fallecimento, fica este legado sem effeito, entendendo-se que o terreno legado para o leito das duas ruas, é só aquelle que está comprehendido dentro dos limites do que foi cerca de S. Bento, ficando as saidas das ruas por conta da camara.».....

M. S.

# LUMIAR



## A MAIS DURADOURA

## CAMILO CASTELO BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

*Edição popular das suas principais obras em*

**80 VOLUMES**

CONHEÇA  
LEIA  
APRECIE  
DIVULGUE

# CAMILO

Edições da

**Parceria António Maria Pereira**  
RUA AUGUSTA, 44 A 54  
Telef. 31730 • End. Teleg. PARCEPEREIRA

# LIVROS

## EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



### VÁRIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Evocação do Café Martinho ... ..		esgotado
Noite de evocação do Leão de Ouro ... ..	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa ... ..	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins ... ..		esgotado
Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares ... ..	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão ... ..	4\$00	5\$00
A cor de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00

### A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge ... ..	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara ... ..	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa ... ..	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00

### DR. ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português ... ..	13\$50	15\$00
--	--------	--------

### ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos ... ..	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide ... ..	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe ... ..	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio ... ..	18\$00	20\$00

### DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa ... ..	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

### ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão ... ..	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara ... ..	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha ... ..	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário ... ..	9\$00	10\$00

### AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca ... ..	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

### DR. EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz ... ..		esgotado
Um arcebispo Primaz ... ..		»
João Alberto Pereira de Azevedo Neves ... ..		»
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho ... ..		»



	PREÇOS	
	Sócios	Público
Ruínas do Carmo ... ..	esgotado	
Igreja da Penha de França ... ..	»	
Faculdade de Medicina ... ..	»	
Lisboa nos Ex-Libris ... ..	»	
Lisboa na Numismática e na Medalhística ... ..	»	
O Convento dos Barbadinhos Italianos ... ..	»	
Do Sítio do Intendente ... ..	»	
Lisboetas na Índia e Luso Indianos em Lisboa ... ..	»	
Alocuções ... ..	»	
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580 ... ..	15\$00	20\$00

#### F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas ... ..	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

#### FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil ... ..	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço ... ..	13\$50	15\$00
Visite Lisboa ... ..	81\$00	90\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital ... ..	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo ... ..	162\$00	180\$00
Lisboa das sete colinas ... ..	36\$00	40\$00
Lisboa capital do Tejo ... ..	36\$00	40\$00
Lisboa vista em 5 dias ... ..	13\$50	15\$00
Um turista em Lisboa ... ..	13\$50	15\$00
Lisboa e seus arredores ... ..	27\$00	30\$00
Lisboa e seus arredores (Planta) ... ..	4\$00	5\$00
Palácios Reais de Lisboa ... ..	esgotado	

#### FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria ... ..	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa ... ..	18\$00	20\$00

#### DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém ... ..	18\$00	20\$00
D. Gilberto ... ..	13\$50	15\$00

#### GODOFREDO FERREIRA

Um ricaço lisboeta do século XVII ... ..	esgotado	
--	----------	--

#### GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João ... ..	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia) ... ..	18\$00	20\$00

#### HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais ... ..	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

	PREÇOS	
	Sócios	Público
<b>HUGO RAPOSO</b>		
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
<b>J. S. VIEIRA</b>		
O Convento dos Marianos ... .. .		esgotado
<b>JOÃO MONTEIRO</b>		
Estrada de Sacavém ... .. .	27\$00	30\$00
<b>JOAQUIM ROQUE DA FONSECA</b>		
A Urbanização de Lisboa ... .. .	13\$50	15\$00
<b>JULIETA FERRÃO</b>		
Lisboa 1870 ... .. .		esgotado
<b>ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS</b>		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ...	9\$00	10\$00
<b>LUÍS MOITA</b>		
A Ermida de Santo Amaro ... .. .		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses ... .. .	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa» ... .. .	12\$50	12\$50
<b>LUÍZ PASTOR DE MACEDO</b>		
A Baixa Pombalina ... .. .		esgotado
A Rua das Canastras ... .. .	7\$20	8\$00
Ascendentes de Camilo ... .. .	13\$50	15\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da Freguesia da Sé ... .. .	9\$00	10\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje» do Sr. Paulo Freire ... .. .		esgotado
<b>LUÍS TEIXEIRA</b>		
() «Diário de Notícias» e o Século XIX ... .. .	4\$00	5\$00
<b>LUÍS TRINDADE</b>		
Janelas de Alfama ... .. .	18\$00	20\$00
<b>DR. MANUEL VICENTE MOREIRA</b>		
Jardins de Lisboa e Porto ... .. .		esgotado
Lisboa Oriental ... .. .	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação ... .. .	27\$00	30\$00
<b>MÁRIO COSTA</b>		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas ... .. .	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica ... .. .	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada ... .. .	18\$00	20\$00



	PREÇOS	
	Sócios	Público
O Palácio do Manteigueiro ... ..	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira ... ..	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda ... ..	45\$00	50\$00
O Sítio de Santo Amaro ... ..	18\$00	20\$00
Duas facas de mato notáveis ... ..	13\$50	15\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra ... ..		esgotado

**MARIO SAMPAIO RIBEIRO**

A Igreja da Conceição Velha ... ..	9\$00	10\$00
A Igreja e o Convento da Graça ... ..	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St. <sup>a</sup> Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira de Lisboa ... ..	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda ... ..		esgotado

**NORBERTO DE ARAÚJO**

Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---------------------------------------	-------	--------

**NUNO CATHARINO CARDOSO**

Infante D. Henrique — Nótulas históricas ... ..	9\$00	10\$00
---	-------	--------

**RUY DE ANDRADE**

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia cidadina ... ..	9\$00	10\$00
---	-------	--------

**DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ**

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro ... ..	18\$00	20\$00

**ROBERTO DIAS COSTA**

A Paróquia de S. Jorge de Arroios ... ..		esgotado
--	--	----------

**TINOP**

Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. ... .. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------



AZULEJOS  
LOUÇAS  
PAINÉIS

## CASA AFRICANA

●  
**PREÇOS FIXOS  
E MARCADOS  
EM TODOS OS  
ARTIGOS**

●  
**ON PARLE  
FRANÇAIS**

●  
**ENGLISH  
SPOKEN**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●  
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.  
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.  
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

## *BERTRAND (IRMÃOS), LDA.* Artes Gráficas

●  
FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA  
LITOGRAFIA  
ROTOGRAVURA  
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7  
Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA





**não  
é  
só  
casar...**

***seguro popular de vida***

**50\$00**

**por mês**



**IMPÉRIO**

COMPANHIA DE SEGUROS

**AQUEÇA-SE**

COM RADIADORES A **GÁS**



**APROVADOS PELO  
BANCO DE ENSAIOS  
DAS C. R. G. E.**

Um bom radiador a Gás, convenientemente instalado, deve assegurar **A EVACUAÇÃO** dos produtos de combustão.

Assim, pode dormir descançado...

acordar num ambiente agradável, sem precisar de abrir as janelas.

O gás é a fonte de calor mais prática e económica.

Aquece quando se quer.  
É asseado, rápido e silencioso.

**GÁS**

**DA COMPANHIA**

**O COMBUSTÍVEL DE LISBOA**

EXIJA APARELHOS ENSAIADOS E AFINADOS PELO BANCO DE ENSAIOS DAS

**C. <sup>AS</sup> R. <sup>AS</sup> GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA**



# ÍNDICE

## DO 23.º VOLUME

1960



A Propósito de Alfama, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i> ... .. .	3
A Sepultura do Marquês de la Rosière no Antigo Convento de Nossa Senhora da Porciuncula, por <i>Luís Ferro Ponce de Leão</i> ... .. .	143
As Antigas Portas de S. Lourenço, da Alfofa e de Santo André, por <i>Ferreira de Andrade</i> ... .. .	11
Ação cultural durante o ano de 1959 ... .. .	56
Actividade cultural ... .. . 51, 94, 121 e	162
Dois Morgadios Lisboetas, por <i>Matos Sequeira</i> ... .. .	59
Feira da Ladra, ... .. . 53, 93, 129 e	166
Lisboa, por <i>Matos Sequeira</i> ... .. .	92
Norberto de Araújo e o «Inventário de Lisboa», por <i>Hugo Raposo</i> ... .. .	65
Nova Lisboa, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i> ... .. .	78
O Antigo Hospital de Todos os Santos e as actuais escavações na Praça da Figueira, pelo <i>Dr. Mário Carmona</i> ... .. .	135
O Bairro Camões, por <i>Mário Costa</i> ... .. .	74
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor, o Convento do Espírito Santo da Pedreira, por <i>Mário Costa</i> ... .. .	37
O Poço do Mira e os Mistérios do Subsolo de Lisboa, por <i>Matos Sequeira</i> ...	138
O Teatro Romano de S. Mamede, ao Caldas, por <i>Matos Sequeira</i> ... .. .	118
Os «Amigos de Lisboa» nas comemorações Antonianas:	
a) Comentário, pelo <i>Dr. Eduardo Neves</i> ... .. .	123
b) Quadras a Santo António, por <i>Matos Sequeira</i> ... .. .	127
c) Dois sonetas, por † <i>Cardoso Martha</i> ... .. .	128
Os «Amigos de Lisboa» e as comemorações Condestabrianas e Henriquinas:	
a) Introdução ... .. .	155
b) Aljubarrota, pelo <i>Capitão Gastão de Mello e Mattos</i> ... .. .	156
c) Batalha, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i> ... .. .	158
Parecer da Comissão de Contas ... .. .	101
Prof. Doutor Joaquim Fontes ... .. .	133
Relações Marítimas entre Portugueses e Holandeses na Idade Média, pelo <i>Prof. Dr. Houwens Post</i> ... .. .	103
Relatório da Junta Directiva ... .. .	96
Tágio reconhecido na edificação de Lisboa, por <i>Matos Sequeira</i> ... .. .	115
Últimas palavras proferidas pelo Vereador Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, na Sessão da Ex. <sup>ma</sup> Câmara Municipal de Lisboa a 17 de Dezembro de 1959 (última do seu mandato 1955-59). ... .. .	47

SEACOR  
S.A. IN DIRECTORIO

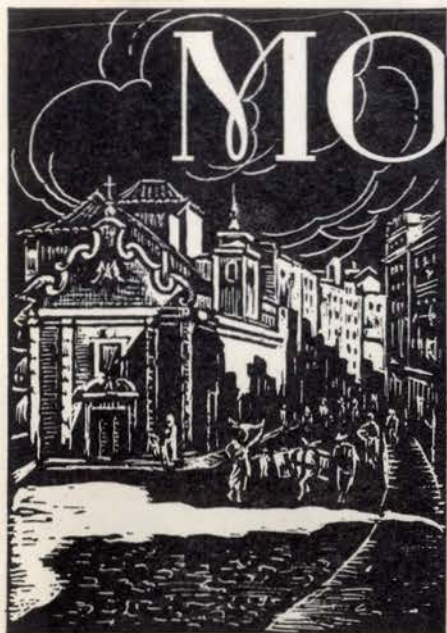
CONSEJO DE ADMINISTRACION



1	Introducción
2	Objetivos de la Empresa
3	Organización de la Empresa
4	Recursos Humanos
5	Recursos Materiales
6	Recursos Financieros
7	Recursos Tecnológicos
8	Recursos Ambientales
9	Recursos Legales
10	Recursos Sociales
11	Recursos Culturales
12	Recursos Educativos
13	Recursos Científicos
14	Recursos Artísticos
15	Recursos Religiosos
16	Recursos Políticos
17	Recursos Económicos
18	Recursos Jurídicos
19	Recursos Lingüísticos
20	Recursos Matemáticos
21	Recursos Físicos
22	Recursos Químicos
23	Recursos Biológicos
24	Recursos Geográficos
25	Recursos Históricos
26	Recursos Literarios
27	Recursos Musicales
28	Recursos Dramáticos
29	Recursos Cinematográficos
30	Recursos Televisivos
31	Recursos Radiales
32	Recursos Editoriales
33	Recursos Publicitarios
34	Recursos de Marketing
35	Recursos de Investigación y Desarrollo
36	Recursos de Producción
37	Recursos de Distribución
38	Recursos de Ventas
39	Recursos de Servicio al Cliente
40	Recursos de Logística
41	Recursos de Abastecimiento
42	Recursos de Mantenimiento
43	Recursos de Reparación
44	Recursos de Reemplazo
45	Recursos de Reciclaje
46	Recursos de Eliminación
47	Recursos de Almacenamiento
48	Recursos de Transporte
49	Recursos de Comunicación
50	Recursos de Información
51	Recursos de Seguridad
52	Recursos de Salud
53	Recursos de Bienestar
54	Recursos de Desarrollo Personal
55	Recursos de Desarrollo Organizacional
56	Recursos de Desarrollo Tecnológico
57	Recursos de Desarrollo Científico
58	Recursos de Desarrollo Artístico
59	Recursos de Desarrollo Religioso
60	Recursos de Desarrollo Político
61	Recursos de Desarrollo Económico
62	Recursos de Desarrollo Jurídico
63	Recursos de Desarrollo Lingüístico
64	Recursos de Desarrollo Matemático
65	Recursos de Desarrollo Físico
66	Recursos de Desarrollo Químico
67	Recursos de Desarrollo Biológico
68	Recursos de Desarrollo Geográfico
69	Recursos de Desarrollo Histórico
70	Recursos de Desarrollo Literario
71	Recursos de Desarrollo Musical
72	Recursos de Desarrollo Dramático
73	Recursos de Desarrollo Cinematográfico
74	Recursos de Desarrollo Televisivo
75	Recursos de Desarrollo Radial
76	Recursos de Desarrollo Editorial
77	Recursos de Desarrollo Publicitario
78	Recursos de Desarrollo de Marketing
79	Recursos de Desarrollo de Investigación y Desarrollo
80	Recursos de Desarrollo de Producción
81	Recursos de Desarrollo de Distribución
82	Recursos de Desarrollo de Ventas
83	Recursos de Desarrollo de Servicio al Cliente
84	Recursos de Desarrollo de Logística
85	Recursos de Desarrollo de Abastecimiento
86	Recursos de Desarrollo de Mantenimiento
87	Recursos de Desarrollo de Reparación
88	Recursos de Desarrollo de Reemplazo
89	Recursos de Desarrollo de Reciclaje
90	Recursos de Desarrollo de Eliminación
91	Recursos de Desarrollo de Almacenamiento
92	Recursos de Desarrollo de Transporte
93	Recursos de Desarrollo de Comunicación
94	Recursos de Desarrollo de Información
95	Recursos de Desarrollo de Seguridad
96	Recursos de Desarrollo de Salud
97	Recursos de Desarrollo de Bienestar
98	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Personal
99	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Organizacional
100	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Tecnológico
101	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Científico
102	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Artístico
103	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Religioso
104	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Político
105	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Económico
106	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Jurídico
107	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Lingüístico
108	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Matemático
109	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Físico
110	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Químico
111	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Biológico
112	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Geográfico
113	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Histórico
114	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Literario
115	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Musical
116	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Dramático
117	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Cinematográfico
118	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Televisivo
119	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Radial
120	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Editorial
121	Recursos de Desarrollo de Desarrollo Publicitario
122	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Marketing
123	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Investigación y Desarrollo
124	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Producción
125	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Distribución
126	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Ventas
127	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Servicio al Cliente
128	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Logística
129	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Abastecimiento
130	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Mantenimiento
131	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Reparación
132	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Reemplazo
133	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Reciclaje
134	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Eliminación
135	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Almacenamiento
136	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Transporte
137	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Comunicación
138	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Información
139	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Seguridad
140	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Salud
141	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Bienestar
142	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Personal
143	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Organizacional
144	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Tecnológico
145	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Científico
146	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Artístico
147	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Religioso
148	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Político
149	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Económico
150	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Jurídico
151	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Lingüístico
152	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Matemático
153	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Físico
154	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Químico
155	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Biológico
156	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Geográfico
157	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Histórico
158	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Literario
159	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Musical
160	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Dramático
161	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Cinematográfico
162	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Televisivo
163	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Radial
164	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Editorial
165	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Publicitario
166	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Marketing
167	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Investigación y Desarrollo
168	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Producción
169	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Distribución
170	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Ventas
171	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Servicio al Cliente
172	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Logística
173	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Abastecimiento
174	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Mantenimiento
175	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Reparación
176	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Reemplazo
177	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Reciclaje
178	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Eliminación
179	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Almacenamiento
180	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Transporte
181	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Comunicación
182	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Información
183	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Seguridad
184	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Salud
185	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Bienestar
186	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Personal
187	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Organizacional
188	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Tecnológico
189	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Científico
190	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Artístico
191	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Religioso
192	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Político
193	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Económico
194	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Jurídico
195	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Lingüístico
196	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Matemático
197	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Físico
198	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Químico
199	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Biológico
200	Recursos de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo de Desarrollo Geográfico



RONDA DOS BAIRROS



# MOURARIA

A

MOURARIA vai perdendo, a pouco e pouco, o seu ar lendário onde pontificavam marialvas e severas, mas ainda conserva um pitoresco local que muito agrada a todos aqueles para quem a cidade de Lisboa não é uma simples sucessão de bairros.

O camartelo municipal anda empenhado em acabar com certas ruas e vielas que atrofiam o coração da Baixa pombalina; mesmo assim, ainda sobram motivos que justificam um passeio pela Mouraria.

A ermida de Nossa Senhora da Saúde, o Arco do Marquês de Alegrete (de pé, por enquanto), alguns restos palacianos e conventuais, e sobretudo o ar antigo que parece pairar sobre ruas, travessas, largos e becos, garantem, aos apreciadores destas peregrinações em Lisboa, um desbobinar de saborosas sugestões, onde não falta aquele elemento humano que empresta à Mouraria o pitoresco inconfundível de uma página de «Tinop», ilustrada por José Malhoa.

*Para visitar a Mouraria, servem as carreiras de «eléctricos»: 8, 10, 11, 12, 17, 17-A, 19; e as de autocarros n.ºs. 16 e 24, podendo igualmente ser utilizadas todas as carreiras de «eléctricos» ou autocarros que passem pelo Rossio.*



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

*Plantações e Fábricas de Açúcar em*

LUABO

e

MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA  
DE ONTEM



E

NA LISBOA  
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,  
CONTRA A TOSSE:

**BENZO-DIACOL**